

FACULDADE DE LETRAS  
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

# FICHEIRO EPIGRÁFICO

(Suplemento de «Conimbriga»)

158

INSCRIÇÕES 624-626



INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA, ESTUDOS EUROPEUS, ARQUEOLOGIA E ARTES

COIMBRA 2017

ISSN 0870-2004

*FICHEIRO EPIGRÁFICO é um suplemento da revista CONIMBRIGA, destinado a divulgar inscrições romanas inéditas de toda a Península Ibérica, que começou a publicar-se em 1982.*

*Dos fascículos 1 a 66, inclusive, fez-se um CD-ROM, no âmbito do Projecto de Culture 2000 intitulado VBI ERAT LVPA, com a colaboração da Universidade de Alcalá de Henares. A partir do fascículo 65, os volumes estão disponíveis no endereço [http://www.uc.pt/fluc/iarq/documentos\\_index/ficheiro](http://www.uc.pt/fluc/iarq/documentos_index/ficheiro).*

*Publica-se em fascículos de 16 páginas, cuja periodicidade depende da frequência com que forem recebidos os textos. As inscrições são numeradas de forma contínua, de modo a facilitar a preparação de índices, que são publicados no termo de cada série de dez fascículos.*

*Cada «ficha» deverá conter indicação, o mais pormenorizada possível, das condições do achado e do actual paradeiro da peça. Far-se-á uma descrição completa do monumento, a leitura interpretada da inscrição e o respectivo comentário paleográfico. Será bem-vindo um comentário de integração histórico-onomástica, ainda que breve.*

*José d'Encarnação*

Toda a colaboração deve ser dirigida a:

Instituto de Arqueologia  
Departamento de História, Estudos Europeus, Arqueologia e Artes  
Faculdade de Letras | Universidade de Coimbra  
Rua de Sub-Ripas | Palácio Sub-Ripas  
P-3000-395 COIMBRA

*A publicação deste fascículo só foi possível graças ao patrocínio de:*



## UMA ARA NO CASTELO DE EVORAMONTE

Ara localizada no castelo de Evoramonte. Foi recuperada pela Sra. Vicki Webber<sup>1</sup>, durante os trabalhos de restauro de sua habitação, encontrando-se, atualmente, em sua posse. O monumento está em bom estado de conservação, embora com algumas mazelas superficiais e com desgaste bem notório no campo epigráfico (FIG. 1). De granito amarelado, de grão fino bem consolidado, caracteriza-se por uma cornija ornamentada por dois toros bem demarcados, um deles com uma pequena fratura na face dianteira, e um *foculus* circular, ainda saliente (FIG. 2). O desgaste superficial do fuste liso, nas quatro faces, ainda que com alguns rasgos bem visíveis, não nos permite delimitar com toda a certeza o campo epigráfico, cujas dimensões não deveriam variar muito<sup>2</sup>. São, ainda, perceptíveis duas letras da última linha – IT – levando-nos a crer que a epígrafe terminaria, presumivelmente, com a palavra CVRAVIT, embora não seja comum (aparece, por norma, abreviada). Assim:

---

<sup>1</sup> À qual deixamos um grande agradecimento por nos ter permitido estudar a ara. Uma palavra de apreço, também, para Inocência Lopes que nos apresentou o local e a proprietária.

<sup>2</sup> Foi feito um teste fotogramétrico ao monumento, cujo primeiro resultado está patenteado no seguinte sítio: <https://sketchfab.com/models/a675e-c7243864f2499a322009539afd4>. Um especial agradecimento a Gabriela da Rocha pelo trabalho efetuado.

... [F(*aciendum*)] [CVRAV]IT

... *mandou fazer*

Dimensões totais: 63 x 32,5 x 20; cornija: 16 x 31 x 18,5; fuste: 30 x 27,5 x 16,5; base: 14 x 32,5 x 20.

Campo epigráfico: 30 x 27,5.

Destacar, contudo, a identificação de um monumento numa zona que se tem prestado a diversas interpretações: desde logo pela, suposta, localização da antiga cidade, ou *mansio*<sup>3</sup>, de *Dipo*<sup>4</sup>. Todavia, os vestígios materiais de época romana são escassos, embora tenha sido identificada uma estrutura pétrica, presumivelmente habitacional, durante as escavações que ocorreram no local<sup>5</sup>. Estamos perante um território envolvente bastante *romanizado*, como os dados que a análise do povoamento

---

<sup>3</sup> Há quem defenda que *Dipo* tenha sido uma *mansio* da via XII do Itinerário de Antonino. Neste caso remetemos para: FERNÁNDEZ CORRALES, J. M. (1995), *Tabula Imperii Romani*, Hoja J-29: Lisboa, Consejo Superior de Investigaciones Científicas, Madrid.

<sup>4</sup> Sem querer aprofundar o tema, remetemos para as seguintes referências: ALARCÃO, Jorge de (2001), “A localização de *Dipo* e *Evandriana*”, *Al-Madani*, IIª Série, nº10, pp. 39-42; ALARCÃO, Jorge de (2006), “As vias romanas de *Olisipo* a *Augusta Emerita*”, *Conimbriga* XLV, FLUC, Coimbra, pp. 211-251; ALMEIDA, Maria José de, CARNEIRO, André, RODRÍGUEZ MARTÍN, F. Germán (2011), “De *Augusta Emerita* a *Olisipo*; proposta de traçado para o primeiro troço da via XII do Itinerário de Antonino”, *Arqueologia do Norte Alentejano – Comunicações das 3.as Jornadas*, Edições Colibri/C.M. Fronteira, pp. 193-201; MATALOTO, Rui, WILLIAMS, Joey, ROQUE, Conceição (2014), “... e daí desce a dar-lhe batalha...: a ocupação pré-romana e romanização da região da Serra d’Ossa (Alentejo Central, Portugal), *La gestación de los paisajes rurales entre la protohistoria y el período romano: formas de asentamiento y procesos de implantación*, Consejo Superior de Investigaciones Científicas, Mérida.

<sup>5</sup> COSTA, Teresa, LIBERATO, Marco (2007), “Intervenções arqueológicas no castelo de Evoramonte – Síntese de resultados”, *Vipasca – Arqueologia e História*, nº 2, 2ª Série, pp. 632-642.

rural romano a Oeste da Serra d'Ossa<sup>6</sup> trouxe à luz. Além dos achados numismáticos, descritos por José Leite de Vasconcelos<sup>7</sup>, nas imediações do castelo, foram identificados diversos vestígios que corroboram a presença romana numa área que se estende a oeste do grande cerro, caracterizada pela sua topografia ondulada: vejamos o caso das manchas de dispersão de Santo Estêvão<sup>8</sup> e S. Marcos<sup>9</sup>, ou dos achados isolados no *monte* do Chafariz<sup>10</sup> ou em Santa Rita<sup>11</sup>. Salientar, ainda, a possível passagem da via XII do Itinerário de Antonino, pelo território em questão, que o miliário, reaproveitado na igreja da Nossa Senhora da Conceição, corrobora<sup>12</sup>.

RUBEN BARBOSA

---

<sup>6</sup> BARBOSA, Rúben (2016), *Rede de povoamento romano a Oeste da Serra d'Ossa*, Dissertação de Mestrado apresentada à Universidade de Évora, Évora.

<sup>7</sup> VASCONCELOS, José Leite de (1918), “Antigualhas de Evoramonte”, *O Archeologo Português*, XXIII, Museu Etnológico Português, Lisboa, pp. 78-81.

<sup>8</sup> MACIEL, M. Justino (1998), “Um signo do tetramorfo na Antiguidade Tardia portuguesa”, *Revista da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas*, nº 12, Edições Colibri, Lisboa, pp. 353-364; A mancha de dispersão foi categorizada como *villa* (vide BARBOSA, *op. cit.*, 2016, p. 168).

<sup>9</sup> CARNEIRO, André (2014), *Lugares, tempos e pessoas – Povoamento rural romano no Alto Alentejo*, vol. II, Imprensa da Universidade de Coimbra, Coimbra, p. 242.

<sup>10</sup> Foi identificada uma árula de granito acinzentado no topo do Chafariz de Santo Estêvão.

<sup>11</sup> Durante os trabalhos de prospeção, não foi identificada qualquer mancha de ocupação, mas, sim, uma *mola* e um peso de lagar reutilizado como bebedouro de animais (vide BARBOSA, *op. cit.*, 2016, p. 169).

<sup>12</sup> IRCP 674 = ENCARNAÇÃO, José d' (1984), *Inscrições romanas do Conventus Pacensis*, FLUC, Coimbra, p. 732.



1



2

624

*Ficheiro Epigráfico*, 158 [2017]